

O RETIRANTE

ORGÃO DAS VÍTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 18000 MENSUAES.

Anno I.

Fortaleza—Domingo, 16 de Setembro de 1877.

N. 13

O RETIRANTE.

FORTALEZA, 16 DE SETEMBRO DE 1877.

Visita do imperador ao Ceará.

Segundo cartas de Lisboa, constou que o imperador, de volta para sua fazenda, pretendia vir à esta infeliz provincia assistir ao horroroso espectáculo da secca.

Acreditamos tanto mais no que nos mandaram dizer os nossos irmãos d'alem mar, quanto o nosso adorado defensor perpetuo está atacado da mania de fazer-se sabio e democrata. A noticia foi, porém, desmentida. O Sr. Pedro de Alcantara restabelece-se da molestia, apenas passa a linha equatorial e começa a sentir os raios ardentes do sol dos tropicos. Já em Pernambuco, muda o palitot burguez pelo papo de tucano e o bonet do touriste pelo chapéo aristocratico.

Si no Egypto houvesse secca, estamos certos de que teria lá estado e communicaria a academia franceza o resultado dos seus estudos, isto é, o que tivesse ouvido em conversa com algum sabio; mas, a secca é no Ceará, onde só se sabe por ouvir dizer que o ex-celso monarcha falla todas as linguas vivas, mortas e moribundas e conhece á funilo as sciencias exactas e inex-actas. Analysa na Europa a batata doce e traz para o Brazil os fructos apodrecidos do poder pessoal; despreza as instituições livres e transporta para o seu paiz as ruínas da Turquia.

Que importa ao sabio viajante merra á fome toda a população de quatro provincias do norte, si urge salvar o seu partido e lá o esperam seus amigos Colegipe e Mauá?

Que lhe importam todas as nossas desgraças, si urge engrossar as filheiras dos seus aduladores; si cumpre aguçar os instrumentos de suas ambições dynasticas?

Si S. M. tivesse visitado Sedam e ahi houvesse reflectido sobre a sorte de tantas cordas; si, em vez de exorçar-se por parecer e não-ser, procurando illudir os incautos n'este seculo de luzes em que já não se acredita em pélas, com o pé sobre a França, sobre a terra d'essas grandes revoluções que tem emancipado a humanidade do jugo dos despotas, concentrasse o seu espirito na meditação da historia dos povos soberanos, certamente o seu primeiro cuidado, ao regressar á patria, seria curar de tantos infelizes que ahi gemem, as mãos

estendidas á esse governo esbanjador que tripudia no crime do contrabando, da emissão dolosa de apolizes, das cambias, de todas as arbitrariedades, de todos os excessos de poder, enfim.

Não estamos declamando, nem escrevemos um artigo para produzir effeito pela belleza da phrase; articulamos a linguagem singella da verdade; enunciamos tudo quanto nos dicta o coração dilacerado por tantas desgraças.

Dia virá em que este povo de cordeiros, que o despotismo disfarçado condemna ás trevas da ignorancia, consciar dos seus direitos, erguerá o collo e bradará:

« Acima de nós só Deus » !

A caridade do Sr. Capote.

Lá foi a pomposa felicitação da assembléa provincial á este cearense, cuja fofice já tanto conheciamos, mas que nos soube illudir, fazendo-nos acreditar em uma philanthropia ensacada com farinha e enfiada em alfafa, que lhe tem enchido as algibeiras.

Consinta, porém, S. S. que lhe perguntemos d'estas columnas em que advogamos a causa do afflicto sertanjo, em que consiste a sua apregoada caridade, hoje que está feita a luz?

Consiste, respondemos nós, em monopolisar, para assim dizer, o commercio dos generos de que mais necessitamos n'esta quadra de afflicções.

S. S., é verdade, não cança em pedir roupa velha e trapos; fustiga a patrotica commissão central com o fim de realçar a sua individualidade que se tem tornado uma notabilidade sui generis; mas do seu bolsinho nem um magro real para este pobre povo por quem mostra interessar-se tanto!

Res non verbo....

Mascaras abaixo!

Por cá ninguém mais acredita no sentimentalismo de corações de gello. Cá, de longe estamos vendo o Sr. Capote entrague, corpo e alma, ao repugnannte commercio de carne humana, cortando com o azorrague os lombos dos infelizes escravos que atrai no mercado para sacciar a sua cobiça e, pois, não pôde ter morada em nosso pensamento a idea de que um individuo tão affeito a ouvir, quotidianamente e impassivel os pungentes gemidos de tantos des-

gracados, possa enternecer-se com as scenas de misérias que se passam na terra em que nasceu, mas, bem longe de seus olhos.

S. S. viu que, em quanto soube enganar-nos lhe tecemos os elogios que nos pareciam merecidos; mas, hoje só nos vem á penna a amarga verdade que seus actos denunciam.

NOTICIARIO.

O padre Scalligero.—Este virtuoso sacerdote fez publicar no Cearense de 12 do corrente uma justificação que, longe de ser uma defeza, pelo contrario ainda mais o condemna.

Tendo de analysal-a convenientemente, pedimos ao publico que suspenda seu juizo até voluermos á imprensa.

Emigração.—A bordo do vapor Pernambuco seguiram para o norte, em busca de trabalho, 121 emigrantes!

Já se eleva á 1,139 o numero d'esses infelizes!

Obituario.—Do dia 1.º á 15 do corrente falleceram n'esta capital 109 pessoas, entre homens, mulheres e crianças.

D'este numero de victimas contam-se 27 de febre amarella!

Opusculos.—O Sr. Dr. Thomaz Pompeu Filho acaba de nos mimosear com um volume de uma obra intitulada—*Memoria sobre o clima e seccas do Ceará*, ultimo trabalho de seu venerando paiz, o finado senador Thomaz Pompeu de Souza Brazil.

Deixamos de fazer commentarios sobre tão importante trabalho porque o nome de seu autor por si só o recommenda.

—Pelo academico do 5.º anno da Faculdade de Direito do Recife, Francisco de Assis Rosa e Silva, fomos tambem obsequiados com um folheto contendo o seu discurso, pronunciado na sessão litteraria academica que teve lugar no Theatro Izabel, no dia 11 de Agosto proximo findo, em sollemnisação a este dia, e mandado publicar por seus collugas e amigos.

Agradecemos as offertas.

Secca e miseria.—De Mecejana escrevem-nos o seguinte:

« A secca que atravessa a população de Mecejana é triste e consternadora; e mais dolorosa torna-se ainda pela ineptia e parcialidade da commissão chamada—de soccorros—que, jungida á vontade de um demónio familiar, parece deixar a pobreza morrer de fome!

ILEGIVEL

O dinheiro e generos, que para aqui tem vindo, supponho que é sómente para remunerar-se os serviços eleitoraes!

Triste situação é a nossa!

Até com a desgraça do povo especulase, em proveito dos salteadores!

A unica obra que a escrupulosa commissão emprehendeu foi levantar a parede do sangradouro da lagôa, em que tem empregado 30 de seus protegidos, com tres administradores, sendo o chefe o bem conhecido—João Luiz.

Note-se, que cada administrador, segundo consta, percebe 1\$280 e 2\$000 réis diários!

Chame para isto a attenção do Sr. Estellita.

Telha.—Extractamos a seguinte noticia de uma carta de um nosso amigo, firmada em 5 do corrente:

«E' com o coração transido de afflicção que debruço-me sobre o papel para ligeiramente dar-lhe noticia d'esta inditosa terra tão despresada n'esta calamitosa crise pelo nosso corrupto governo.

Aqui não ha mais o que comer-se!

O povo cahiu inido ás camadas!

Já cinco pessoas foram arrebatadas pela voracidade da fome!... Já não existem! Que horror!

Seguiu para ahi enorme aluvião de povo em busca de pão e fugindo á uma morte cruciante e ignominiosa!

Juntamos nossa voz ao ultimo suspiro das cinco victimas da fome e cobrimos de maldição este miseravel governo!

Quixeramobim.—A população desta cidade vae se extinguindo de pouco a pouco, já pela inanición, já pela espantosa emigração.

A este respeito encontramos no *Pedro II* de 13 do corrente os seguintes trechos de uma carta escripta d'ali:

«Achando-se inteiramente caracterizado entra nós o terrivel flagello da secca, já começaram a desenvolver-se os seus terribes effeitos por cazos de morte de inanición entre os velhos e crianças, e por uma não interrompida emigração de miseraveis, que vão guiados pelo instincto de conservação procurar remir a vida.

«Senão houverem algumas chuvas, que fação rebentar nova rama, vae desaparecer inteiramente o resto do gado vaccum e cavallar, e então, ainda havendo inverno em 1878, supponho que achará deserto o nosso Quixeramobim.»

Falta de humanidade.—Lê-se no *Cearense* de 15 do corrente:

«Não tem justificação possivel o procedimento do Sr. capitão-tenente Pedro Hypolito, commandante do vapor *Pernambuco*, para com os infelizes cearenses que deviam n'este vapor seguir para o norte.

Quando os pobres emigrantes em numero de 260 começavam a embarcar, o Sr. commandante mandou levantar ancora, e partiu acceleradamente, sem attenção alguma aos desventurados que ficavam.

Muitos dos que se foram deixaram aqui esposos, paes, filhos etc. e sua bagagem na praia.

Ao passo que um brasileiro assim procede, é doloroso dizel-o, os commandantes

dos paquetes inglezes desvelam-se em cercar os infelizes de todas as attensões que inspira o seu infortunio.

E' com o maior pezar que consignamos factos d'esta ordem.»

Para as victimas da secca.—A illustrada redacção da *Republica*, do Rio, pede ao jornalismo da corte e sul do Imperio a publicação do seguinte annuncio:

A situação do Brazil.

Os artigos publicados na *Republica*, com a epigraphie acima, vão ser reunidos em um folheto, corrigindo o seu autor alguns erros de impressão.

O producto da venda será para as victimas da secca do Ceará, Rio Grande do Norte e Parahyba, por serem as provincias que mais têm soffrido.

Estão abertas listas de subscrição na rua do General Camara n. 33, escriptorio do autor, e no escriptorio da *Republica*, rua de S. José n. 10.

O prego minimo do folheto será de 15 réis e a lista dos subscriptores virá publicada no fim do folheto.

A subscrição se fechará no fim de um mez, a contar de 26 de Agosto deste anno.

Pede-se a todos os jornaes da corte e do sul do Imperio, a que chegar a noticia deste annuncio, o favor de publical-o, attendendo ao fim a que é destinado o producto das subscrições.

P. A. Ferreira Vianna.

ASSEMBLEA GERAL.

CAMARA DOS SENHORES DEPUTADOS

SESSÃO EM 10 DE AGOSTO DE 1877.

INTERPELLAÇÃO AO SR. MINISTRO DO IMPRIO

O Sr. Martin Francisco:—Quizera, Sr. presidente, satisfazer-me com as declarações feitas pelo Sr. ministro do Imperio. Infelizmente me parecem ellas a confirmação de que os meios indicados pelo governo para debellar o flagello da secca têm sido evidentemente incompletos e insufficientes.

S. Exc. allegou que não é exacto o que se diz a respeito do soffrimento por que tem passado a população do norte. Entretanto a imprensa de todos os matizes politicos e a propria imprensa official publica dia á dia o soffrimento das populações do norte, e S. Exc. mesmo nos disse que quando a Divina Providencia veio em auxilio de alguma das populações enviando-lhes a chuva não lhe approvou entretanto socorrer a provincia do Ceará, que maiores soffrimentos tem padecido durante esta epocha calamitosa. As chuvas ou não têm cahido nos sertões d'aquella provincia ou têm cahido em muito pequena quantidade.

S. Exc. contestou os factos narrados pela imprensa, mas a unanimidade d'esta em sua linguagem revela que certamente alguma coisa de real, de exacto deve haver em taes asseverações. Póde haver n'um ou n'outro ponto exaggeração; mas as cartas mesmo que são enviadas aos nossos collegas pela provincia do Ceará, que pelas relações com que elles me distinguem eu tenho visto, affirmam a continuação do flagello.

O que convem verificar pois é a efficacia dos meios empregados. S. Exc. contestou o facto da morte pela fome de quatro crianças; entretanto o proprio *Jornal do Commercio*, transcre-

vendo este facto da imprensa do Ceará, referiu-se a uma pessoa acima de qualquer suspeita. A noticia publicada foi extrahida de uma carta do Dr. Paula Pessoa, geralmente conhecido e estimado, e que já foi nosso collega n'esta camara.

S. Exc., referindo-se aos depositos publicos, disse que no Rio Grande do Norte e na Parahyba se tinham feito taes depositos, mas as medidas foram incompletas, porque realmente a provincia que mais precisa d'esses depositos e a que mais tem soffrido é a provincia do Ceará. E' possivel que lá se tenham feito taes depositos, entretanto parece-me que se a medida fosse tomada nas proporções precisas não appareceria sempre essa insistencia por parte da imprensa.

O Sr. PAULINO NOGUEIRA:—No Ceará não ha depositos.

O Sr. MARTIN FRANCISCO:—Vê S. Exc. que o nobre deputado pelo Ceará affirmar a não existencia dos depositos. Acredito que o Sr. ministro do Imperio emendará a mão, ordenando que elles sejam feitos, e não será insensivel ás afflicções da população do Ceará. Cumpra confessar no entanto que houve reparavel desidia em não se ter feito cousa alguma sobre tal assumpto na provincia que mais soffre do flagello, pondo os depositos ao alcance das populações flagelladas, e até o meio mais urgente era este. (Apoiados.)

Quanto á emigração, tão efficaz é o meio, que a população o emprega por si, foge dos pontos onde não encontra socorros para aquelles onde os ha; mas essa emigração em massa para povoações em condições normaes não influi para se depauperarem os meios ordinarios que estas possuem e não lhes trará tambem o flagello da fome? Como não toma o governo a medida de distribuir essa população por diversos pontos?

S. Exc. diz que recommendou aos presidentes do Pará e Amazonas que dessem passagens aos retirantes; mas essas só têm sido dadas nos paquetes das linhas subsidiadas; por ventura é isto sufficiente? Pois o governo, que tem dinheiro para tantos desperdícios, não tem dinheiro para fretar alguns navios e pol-os á disposição dos presidentes d'essas provincias, para que facilitem o transporte das populações flagelladas? O governo tem dinheiro para construir, sem autorisação, no arsenal de marinha um kiosque, que se diz ha de custar 30:000\$000 para celebrar o lançamento á agua de uma corveta; estes 30:000\$000 seriam melhor empregados em remediar os soffrimentos das populações do norte. (Apoiados.)

O governo tem dinheiro para expedir telegrammas declarando que o Sr. deputado André de Figueira denunciou a emissão de 10,000:000\$ feita secretamente pelo gabinete Zacarias. Este dinheiro do telegramma seria melhor empregado em socorrer as victimas do norte. (Risadas.)

O Sr. DANTAS:—Leia, que é da gazeta official.

O Sr. MARTIN FRANCISCO:—(Lê). Esta é a pergunta que fazem em relação ao telegramma recebido. (Apoiados.)

Dia por dia o *Jornal do Commercio* amanhece pejado de entrelinhados a respeito de uma questão já dinamizada homoeopaticamente. Este dinheiro dos entrelinhados o governo empregaria muito melhor soccorrendo aquelles que soffrem e para os quaes na terrivel situação em que se acham todos os recursos são poucos. (Apoiados.) Se o governo tem convicção do modo por que procedeu; se entende que procedeu bem deve-se julgar deffendido até a sociedade, deve parar com o desperdicio dos dinheiros publicos, deve empregal-os de preferencia em beneficio dos brasileiros que morrem á mingua levantando supplicas as mãos para Deus, por que nada mais esperam do governo do seu paiz. (Muito bem da opposição liberal.)

O Sr. TANQUIO DE SOUZA:—Mas isto não prova que o telegramma fosse do governo.

O Sr. MARTIN FRANCISCO:—Se negar o governo o facto a inculpação não procede.

S. Exc. affirmou que no supprimento de viveres tem havido abundancia por forma tal que não se têm levantado queixas a este respeito;

ILEGIVEL

entretanto a imprensa todos os dias declara que a população emigra por falta de recursos.

Por maior que seja a remessa de viveres, não podem chegar para a população faminta; o governo não tem mesmo meios para acudir de prompto aos 80 ou 100 mil indivíduos e mais, quem sabe? que soffrem. E' por esta razão que eu lhe aconselho varios meios á empregar.

S. Exc. disse— a esmola não avilta, porque é o Estado que a dá. Eu não disse que a esmola aviltava; disse apenas que, empregada como meio ordinario, gerava na população o habito da miseria, e que era preferivel dar aos cidadãos brasileiros meios de trabalho, para que continuasse no habito de cultural-o, e mais tarde não soffressem as consequências de uma situação tão anormal.

Empregando o governo os recursos de que dispõe em fomentar trabalhos publicos, em iniciar uns e promueir em outros, dando lugar ao desenvolvimento da actividade dos que procuram recursos para viver, os cidadãos victimas do flagello devem aceitar de preferencia este meio digno e honesto de sustentarem suas familias, evitando os horrores da fome.

Se os dinheiros publicos devem ser distribuidos para taes soccorros, não é melhor que o sejam tambem em proveito d'essas provincias? Bem duvida.

S. Exc. combateu a idéa da construcção de açudes, e combateu-a dizendo não servir como recurso immediato. Declaro que o não suggeri como tal. Fallei d'esta especie de trabalho como podendo dar emprego aos braços inativos na actualidade e como proveitoso no futuro áquellas mesmas provincias, evitando a repetição ou reaparecimento da secça.

Sei perfeitamente que os açudes não podem ser um recurso immediato, nem ha esperança de que as aguas venham logo encher os em epochas anormais; mas em todo o caso servirão para que mais tarde, constituindo verdadeiros depositos de agua, se torne mais difficil a re-produção do flagello.

Quanto á emigração, insisto no meio como effez. Compreendo que é melhor realizar a emigração para os pontos mais proximos. Se nas outras provincias do norte não flagelladas pela secça houver trabalho a dar ás victimas da secça, sejam ellas transportadas para pontos mais proximos; e se o não houver, ahí estão as provincias do sul, que não se acham sujeitas a este flagello, promptas a receber seus irmãos do norte.

O governo tem colonias em condições de prosperidade, e trabalho para dar a esses emigrantes. Além d'isso ha colonias de particulares perfeitamente regidas e que prosperam, para onde o governo póde mandar as victimas da secça.

Acuda, portanto, o governo aos brasileiros que morram á mingua. Assim cumprirá o seu dever, merecerá os applausos de todas as parcialidades politicas e da população do Brazil. (Muito bem; muito bem.)

LITTERATURA.

A caridade.

Dois vultos tristes, madonhos,
A passos lentos caminham,
De dois povos se avisinham,
Cercando-os do mesmo mal.
A miseria—disfarçada
Em secça horivel e em cheia,
No Brazil uma se ateia,
Outra inunda Portugal.

Aqui um sombrio espectro
Envolto em negra roupagem;
Chuvás, ventos, atroz voragem,
Roubando o casal, e a luz,

Fere a mãe estremeçada,
Deixa o filho na orphandade,
Por cumulo de impiedade
Arranca-o dos pés da cruz.

Ali é risonho ceu;
Sempre azul o firmamento,
Fresca aragem, brando vento,
O sol ardente a brilhar;
Não se póde conceber
Que junto a tanta belleza,
Morra um povo na pobreza
A' força de trabalhar.

—Uma esmola por piedade—
Eis a prece ao Omnipotente;
Desperta um anjo dormente
Com esse grito universal:
Quem geme? Quem soffre tanto?
Diz o anjo ao Creador
—São filhos do teu amor,
Do Brazil, de Portugal.

Seccam-se as flores do prado,
No prado inundam-se as flores;
Caminham n'esses horrores
Os dois irmãos a chorar:
« Um pisando a areia ardente,
« O outro á morrer de fome,
« E ambos em desvario
« Sem tecto para os abrigar.»

E n'esse quadro afflictivo,
Que nos punge o coração,
Um anjo de salvação
Se mostra na immensidade.
Quem és—pergunta a miseria—
Que me queres supplantar?...
Diz-lhe o anjo a soluçar:
« Quem sou eu? » A caridade.

Caridade! Tu... sorris
Dos labios do Creador!
Ethera e mimosa flor
Dos jardins da Creação,
Abre os cofres do usurario,
Une a plebe á fidalguia,
Faz da pobreza alegria,
Do rico e pobre um irmão.

Coroatá, Junho 1877.

F. VARELLA.

(Do Paiz do Maranhão.)

TRANSCRIPÇÃO.

A secça do Ceará e o governo.

Mais de uma vez tem o Sr. conselheiro Costa Pinto, na qualidade de ministro do Imperio, subido á tribuna parlamentar para informar sobre as providencias tomadas pelo governo em relação aos soccorros prestados ás victimas da secça do norte.

Na ultima discussão que teve lugar por occasião da interpegação do Sr. conselheiro Martin Francisco, S. Exc. repetio, o que por vezes tem dito, acrescentando que os soccorros do governo têm chegado a toda a parte onde se tem feito sentir sua necessidade, e tão avultados que não tem havido

um só reclamo, que não fosse prevenido, achando-se estabelecidos pelos centros das provincias depositos abundantes de viveres, conhecidos pelos retirantes, sendo outras providencias tomadas não só quanto á distribuição do trabalho, como a emigração d'aquelles que procuram em outras provincias os recursos de sua subsistencia.

Sem contestar a asseveração de S. Exc., devo dizer, que quanto á provincia do Ceará, muito longe se acham estas boas intenções do governo.

Firmado no testemunho de cearenses muito distinctos, com quem me acho em correspondencia, os senadores Pompeu, Paula Pessoa, coronel Theodorico, desembargadores Vicente Alves, Paula Pessoa Filho, Drs. Accioly, Rodrigues, João da Rocha, padre João Ramos, Raymundo Theodorico, João Brígido e outros, posso asseverar, que a acção do governo se tem feito sentir na provincia, distribuindo algumas quantias e generos como recursos de momento; mas não como medida preventiva de acautelar a tremenda crise por que passa e ha de passar a provincia.

Para mostrar que esta é a verdade, copiarei do expediente da commissão creada pelo presidente para a distribuição dos soccorros, as seguintes remessas para diversas localidades, que dão a idéa d'estes recursos:

« A partir de 14 de Abril a 30 de Junho (dous mezes e meio) o Sr. presidente da provincia enviou ás diversas localidades os seguintes soccorros:

« Telha, 200 saccos de farinha, 76 de arroz, 62 de feijão, 76 de milho, 2 barricas de roscas e 2.500\$000.

« Lavras, 40 saccos de farinha, 4 de arroz, 20 de feijão, 8 fardos de xarque e 500\$000.

« Imperatriz, 200 saccos de farinha, 40 de arroz, 20 de feijão, 50 de milho, 18 fardos de xarque e 2.000\$000.

« Arraial, 50 saccos de farinha, 20 de arroz, 5 de feijão, 5 de milho.

« Sobral, 190 saccos de arroz, 80 de feijão, 150 de milho, 1 fardo de fazendas e 2.000\$000.

« Tamboril, 30 saccos de farinha, 20 de arroz, 10 de feijão, 10 de milho e 1.000\$.

« Santa Quitéria, 30 saccos de arroz, 20 de feijão, 10 de milho e 500\$000.

« Quixeramobim, 122 saccos de farinha, 47 de arroz, 28 de feijão, 20 de milho, 7 fardos de xarque, 2 barricas de roscas, 3 de bacalhão e 1.500\$000, recommendando-se que d'estes generos se divida algum para Sitiá.

« Icó, 650 saccos de farinha, 286 de arroz, 56 de feijão, 126 de milho, 4 barricas de roscas, 1 fardo de fazendas e 3.000\$, recommendando-se que divida os generos para Bebedouro e Quixeló.

« Quixadá, 148 saccos de farinha, 48 de arroz, 29 de feijão, 33 de milho, 3 fardos de xarque, 2 barricas de roscas, 6 de bacalhão e 1.000\$000.

« Baturité, 40 saccos de farinha, 20 de arroz e 15 de feijão.

« Jardim, 2.000\$000.

« Crato, 1.500\$000 e 1 fardo de fazendas. »

E assim por diante, podendo designar todos os lugares para onde têm sido remetidos soccorros, n'estas e em proporções muito menores, tendo tomado as mais bem aquinhoadas.

Esta distribuição foi útil e tem sido de muitas vantagens para a nobreza: se assim não fosse, a miséria já teria chegado ás proporções para a qual se prepara.

Porém com taes recursos certamente não se constitue celeiros e nem grandes depósitos, que hão de conjurar os horrores de uma secca, que durará até o anno vindouro, e que de Outubro em diante não será mais possível o transporte de uma sacca de farinha, a não ser carregada á cabeça ou nas carrocinhas, de que já fallei, e que talvez nem o governo lhe prestasse attenção; no entanto o tempo, infelizmente, mostrará se seria ou não conveniente tomar essa precaução.

O povo não tem noticia d'estes celeiros de que falla o Sr. conselheiro Costa Pinto, e a prova está na emigração em massa que faz para as cidades do littoral, abandonando casa, interesses e até os filhos, como se tem verificado em outras epochas, cuja reprodução não será de admirar.

Até agora mantem-se o povo nas suas localidades á custa de seus proprios recursos, prevalecendo-se muitas vezes até de uma alimentação nociva; resiste ao abandono do lar quanto pôde, porém chega a occasião que tudo falta, e então principia a emigração.

Na capital consta-nos que já sóbe o numero dos emigrantes a 10,000, isto é, 10,000 infelizes que têm por tecto a abobada celeste e por leito um pouco de palha secca. No Aracaty, Sobral, Acaracú e Granja o numero já é avultado.

Se em Julho é esta a emigração, faça-se idéa em Dezembro a quanto attingirá!

Se os depósitos do governo fossem abundantes no interior, como disse o nobre conselheiro Costa Pinto, certamente esta gente não abandonaria as suas casas, ao menos não se exporia a uma longa e penosa travessia exposta ás maiores misérias da vida.

Se o Sr. conselheiro Costa Pinto tivesse a infelicidade de observar uma d'estas caravanas de 40, 50 e 100 pessoas, e visse estampado na face d'estas victimas do infortunio o supplicio da fome, da sede, do cansaço, certamente não pediria que se não dêsse attenção ás descrições que se tem feito.

Não ha palavras, Sr. conselheiro, que exagerem, por que el as não, são sufficientes para descreverem com verdadeiros traços os desastres de uma população flagellada pela secca!

Já o disse, e repito, o governo tem acudido com os seus recursos, como medida de momento, mas não tem-se penetrado da necessidade de prevenir os terriveis effeitos de uma secca, de que já deve estar convencido, que ha de durar até o seguinte anno.

Convença-se tambem o governo, de que a caridade publica tem sido tão prodigiosa para os cearenses, que tem conseguido mitigar esta calamidade.

Se o governo não tivesse encontrado

tantos auxiliares, já concorrendo com o seu obulo, já se prestando a todos os serviços na distribuição dos soccorros, teria conhecido as grandes difficuldades de sua missão.

Na capital, e mesmo em toda a provincia se acha organizado um systema de commissões, e cada um dos seus membros dedica-se com tanto interesse e caridade, que os soccorros se tem prestado com tal conveniencia, que a fome não tem imperado com o seu hediondo poder.

O governo, melhor do que eu, deve saber a somma de soccorros que particularmente tem affluido em beneficio dos cearenses, e quanto tem isto alliviado os cofres do Estado, empregando todos os melhores esforços para mitigar tanta miséria.

Se as ordens do governo são terminantes a respeito da distribuição do trabalho aos pobres, não faltará em que o empregar, e o Sr. Estellita deve estar habilitado para dar-lhe conveniente destino.

Se a emigração para fora da provincia estabelecer-se, será um mal para a provincia, um triste recurso para o expatriado, porém mais triste será viver na miséria exposto á fome ou á morte.

Acredito que o governo se ha de penetrar da missão que lhe é imposta pela calamidade da secca, desprendendo-se da convicção que ha exaggeração no que se diz. Tome em quanto é tempo o alvitre de estabelecer depósitos importantes de viveres no interior da provincia, com isto cumpre um dever inherente á posição, um dever de caridade, e evita a crescente emigração para as cidades do littoral.

Não se persuada que tem feito tudo quanto é possível, muito ainda resta fazer.

Rio, 14 de Agosto de 1877.

DR. CASTRO CARREIRA.

(Do Jornal do Commercio.)

A PEDIDO.

Os corvos bimanos.

Por toda a parte apparecem os Pachecos e os Scaligeros que corvejam sobre a miséria e a nudez! Não são somente os Pompeus que tomam o pulso das pobres e innocentes donzellas que siminúas e vergadas, mais pela fatalidade que as agoita, que pelo pudor de virgens, que obedecem aos medicantes que inspecionam mesmo as accommetidas de formosura.

D'essa qualidade de medicos está cheia a terra e elles se multiplicam á proporção que os males vão apparecendo.

E' assim que uma porção de moços libertinos fazem caçadas de retirantes bellas, e põem em pratica a seducção—arma maldicta dos D. Juans que levam ao seio da familia exilada da sorte—a prostituição.

Outro dia nós que somos tambem retirantes tivemos occasião de ver diversos d'esses D. Juans e entre ellas notamos um tal C. Pacheco que é morto e vivo na estrada de Mecejana sentado n'uma rede, todas as tardes.

E' preciso que ou a autoridade compe-

tente tome providencias contra esses visitantes, ou então os retirantes uzem de seus direitos e mettam-lhes o cacete.

Os Souza.

UM POUCO DE TUDO.

No dia 7 do corrente, como estava annunciado, teve lugar em Arronches a benção da pedra do futuro asylo de alienados, com todas as formalidades do estylo.

Depois d'esta cerimonia fizeram-se ouvir os Srs. José Albano, Frederico Borges, Lourenço Pessoa, Francisco Perdigão de Oliveira, Domingos Bento de Abreu e alferes Carvalho.

Entre estes sobresahiu o Sr. Perdigão por sua linguagem franca e despida d'essas phrases coloridas, com que os dandys da actualidade costumam afor-noseal-a.

A fallação do Sr. Pessoa não esteve má; porem tornou-se odiosa, por que S. S. julgando que aquella festa era alguma conferencia catholica, munui-se de uma arma infame e vil, a qual poz em pratica, calcando assim á pés as cinzas do benemerito Visconde de Cauhyte, uma vez que elle pertencia tambem a maçonaria, a quem o Sr. Pessoa procurou n'aquelle dia sepultar debaixo da pedra do asylo.

Os demais deram satisfactoriamente seu recado.

A concurrencia foi geral. Lá estava o nosso sublimado; mas em lugar de ter no peito sua adorada sempre-viva, tinha um cravo branco.

O mais interessante da festa foi o sacristão de Arronches ir paramentando o Sr. Estellita, suppondo ser o Sr. Bispo.

E teve razão para confundir-se com elles, pois—ambos tem excellencia, são c'roados e mitrados.

O Sr. José Albano até esta data nada nos disse sobre os dois contos de réis que recebeu do Sr. Antonio Theodorico.

Estarão elles encantados, ou seriam distribuidos com aquellas seis pauperrimas viúvas?

E' bom saber-se.

Porque seria que a camara municipal não continuou a comprar farinha para mandar retalhar no mercado, como fez... pouco tempo?

Seria para satisfazer ao Barão, ou ao Capote?

Calate bocca...

De novo appareceu a Tribuna Catholica; mas d'esta vez trouxe seu masuleu estampado na primeira pagina.

Coitada, ainda não morreu e já está encheda.